

Vinho. De Barqueiros a Barca de Alva, na essência do Douro, a roga vindima o sangue da terra, esforço secular na prodigiosa beleza da paisagem



SUOR. Sob o calor implodido, a mulher esgadanha a vida no País Vinhateiro, colhendo os cachos maduros que os homens carregarão às costas para a frescura dos lagares da quinta

Onde o sol é engarrafado

No deslumbrante vale duriense, a faina vindimária exalta travos de emoções

■ ALFREDO MENDES

Sobrevivem socalcos de histórias na grande festa fadiga de um vale a escorrer vinho e suor. Montanhas de xisto, solo cascalhento, eis a colossal geometria deste Património Mundial. Em Setembro, "secam as fontes, ardem os montes". A paisagem evolutiva e viva envolve a sa-gração do vinho e o sublime espectáculo da vindima.

Rogas encapuchadas de serapiheira esgadanham a vida, arrancam o sangue da terra. Visão profunda e impressionante de calvários de canseiras. Içando a tradição, em alguns lagares de cantaria, que ainda os há, mostos purpurinos lambuzam as pernas de quem mergulha na pisa, braços lançados sobre os ombros dos comparsas e a folia noite dentro com o ressoar dos

gritos guerreiros:

"Ao nosso vinho! Eia! Ao nosso vinho!"

Em muita quinta afidalgada, ciprestes e cachos de glicínias enfeitando-as, nos falam de gerações com bagadas de suor, sempre o suor mordendo a natureza humana, o corpo vergado pelo cesto vindimo no imponente País Vinhateiro, no Alto Douro celebrado. Onde a vida é a vinha e a terra é a mulher.

É o ciclo vinário carregado de euforias e de padecimentos até a terra dar à luz o "sol engarrafado", lembrou Miguel Torga. E o brotar do generoso, vinho fino ou vinho do Porto, ora vinho de quinta e moscatéis, mais tarde *taunies* velhos, *late bottled*, encorpados e retintos *vintage*s. Castas seleccionadas, profusão de cores. Riqueza aromática, sabores a fruta madura, a amora, ameixa, especiarias. As fragrâncias pairando no ar, na luminosidade do Douro.

Assim escorre neste Setembro a prodigiosa e histórica azáfama. Por tradição ou para forasteiro ver, o povo escalavrado pela cava, poda,

enertia que acaricia os cachos faz ecoar acordes da concertina, ferrinhos, bombos.

"Fui ao Douro às vindimas/Não achei que vindimar/Vindimaram-me as costelas/ Foi o que lá fui ganhar."

Evocados, quadros de tipicismo, contos arreganhados de amores furtivos, nos cardenhos, e também lutas enxofradas de raiva. A incomparável beleza do Douro, os escadórios da montanha, os cachos de jornaleiros, os cenários harmoniosos e fantasmáticos é que continuam a tripir ao esplendor. Então, ao turismo, à cultura na primeira região demarcada do mundo. Para inebriar os visitantes não escasseiam miradouros, quintas, provas, casas de turismo rural, recolhimentos vinicos nos armazéns e lagaradas. Nelas, o endocismo ao vinho feito pelos fléts de Baco e devotos da Santa Igreja, revelações de paganismo e religiosidade.

Depois, os comeres de sublimar o palato, cabrito ou bacalhau assado, as aldeias de xisto, as ribanceiras de calar fundo e sempre aquele

mar de cepas, braços contorcidos de cepas, à volta de 170 milhões de cepas. Folhas, mais folhas do magnífico livro do duro e alegre granjeio para se sair da cepa torta.

De Barqueiros a Barca de Alva deslumbram, embriagam de êxtase estes altares resgalados aos matagais. No caminho, tons maduros, o branquejar de pombais e outras quintas, o perfume a esteva, giesta, urze, rosmarinho e já o comboio apita à beira-Douro, solitárias estações ferroviárias reflectidas nas águas domadas, calmas. Ah, as viagens de comboio...

Cruzeiros por esse rio acima, outrora estrada de vinho. Turistas nacionais e estrangeiros ciosos de respirar o hálito dos lagares, o seu bafo téreo, turistas prontos a vindimar sentimentos ao arripio das depressões das cidades. Por aqui o mundo tem outro sentido. O mundo ganha outra expressão. Seja em solares seiscentistas, o românico evocando velhos caminhos para Santiago, seja na aragem sob plátanos.

E o viandante encantado por tanto espaço telúrico, tanto silên-

cio petrificado. S. Salvador do Mundo, concelho de S. João da Pesqueira, S. Leonardo da Galafura, termo de Sabrosa, "uma quilha de barco no meio do vale, com águas por todos os lados", escreveu Torga, autor de *Vindima*, nascido e criado nas redondezas.

Abismos, escarpas, veigas. Oliveiras e amendoeiras pelas encostas arriba, a cerejeira bical, os branquitos de Riba-Tua, a ovelha curra, os figos secos nos terraços. Douro em chama, mítico e paleolítico.

Douro Superior, a terra, o rio e o homem no erguer de um lino ao vinho. E outra quinta com tectos de maseira, paredes meias, a capela. À hora crepuscular, a fama vindimária despede-se de tanto carregar cestos dos socalcos para as adegas.

Em espiral sob o fumo do jantar e, naquela paz de eremitério, no território do xisto e do torriço em declive, o viandante maravilhado na Quinta do Noval, do Vale Meão, Vale d'Abraão, de Ervamoita, de Vargellas, das Carvalhas, das Lajes. E da Leda, Pacheca, do Bom Retiro, Vesúvio, Selzo, Boavista, Solar da Rede.

Torna-se forçoso partir a descoberta deste recanto ainda idílico onde o sol é engarrafado e se brinda a um mundo outrado, quase em estado puro.